

14 anos

267

"O PORCELTÃO"

(ADAPTAÇÃO DA OBRA DE ANTONIO FERNANDO DE ALMEIDA)

~~Adaptado por~~

ORLAÇÃO GRUPO TEATRAL ÁGUA CLARA - CENTRO - São-Br4 (PR).

ELABORADO:

ALBERTO FERNANDES
ROSILIA SANTOS
EDIVALDO REZATTI
PEDRO LUIZ
MENEZ DOS SANTOS
TATIANA LOPES
CLAUDIO MARTINS
MARILY BARBOSA
ARILDO MARTINS
CARLOS JOSE

RECEBI

recd. a 14/05/80
depl. 14/05/80

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: DOMINANTE BARBOSA

FINCA TÉCNICA

DIREÇÃO: DOMINANTE BARBOSA
TRADUÇÃO: CARLOS JOSE
DIRETORIA: CLAUDIO REZATTI

"Perde-se quando quer contar muita vida
é terra o que conta.
Esta é a terra.
Cresce em teu sangue e cresce.
De se espiga em teu sangue
De espigas."

(Folha Verde)



- Ah!... (passa) O Carmelito, fala pro Bernardino está uma gravata, que essa lancha tá que é uma doreta.
- Coê vai levá Rita pro repado?
- Vê não. Rita tem massosa pra roupa, gosta de estudo. Vê fazê tudo pra dá pra ela e que sua tivesse. Depois ela que escolhe.
- E a massosa?
- Vai pra escola, depois vai ajudá na lavra, quando crescer ela decide.

FOGO II

(1. Nere tirando leite)

- (Bernardo) Dado serviço dele é eu que faço. Tem a horta que é dele, e é eu que cuida agora tem coê, né Nirena, eu que cuido também. Tenho que tirá o leite, e nessa ele só fica ganhando dinheiro nas minhas 'corta. O que E. Bernaldo tá pensando, eu só supragado é do Seu Veloso e a mãe dele. Então eu só pagá e dá esse leite pra E. Lucia, quero vê.

FOGO III

(2. João e Genivaldo, plantando)

- Foiê?
- Que foi Genival?
- Depois da valleta e a senhor me dá uma bicicleta?
- Coê tá ficando doído menino, a porcentagem nem dá nem pra rodá.
- Se eu tivesse uma bicicleta dava pra mim estudá lá na escolinha.
- Que estudo menino. Pra lê livro prá galinha?
- (Passa) Foi não. Essa semente vai demorá pra nascer. Se a semente nem é boa a colheita nem presta.
- Coê que foi pagá a semente na casa, devia tá reparado.
- Se chorá tem, é só vendá direitinho que dá.
- Que adianta... quando dá pouco e preço é tão mais tem pouco. Quando dá bastante, a gente tem que vendá quase tudo de graça.
- Bom que a senhor podia tá prestado arguêlo, dava bem mais.
- Tá muito trabalho e gasta muito com veneno. (passa) (Genivaldo pára pra descansar) Não depressa Nirena, coê tá ficando pra trás.



FOGO II

(D. Iracema e Maria de Lourdes, lavando roupa)

- Mas ôia Maria de Lourdes, o sabão que eu fiz, que balena pra cozinhar. Maturo lá no boi, eu peguei as fincas e fiz esse sabão com flocô com balenara? (D. Miro passando) Seu Miro, o senhor não trouxe uma roupa suja pra lavar?

- Ôia D. Iracema, mas des tempo.

L. - Tô indo pra cidade, D. Miro?

- Tô com Maria das Lúrias.

- Miro, vê se consegue de passar lá no D. Tiago, e trazer uma lata de óleo pra mim, que eu não tô podendo cozinhar direito, tem uma diarréia lá no meu.

L. - Ah, D. Miro, e aproveita e traze pra mim uma pedra de sabão daquelas grandes.

- De qual lado?

- São João Minervão, mas é?

L. - Não, não.

- Mas, em Lourdes, vê se consegue que te comprei de um sabão?

L. - Lata e que é D. Iracema, esse sabão é pra lavar eu lavô umas roupa de dia santo.

- Deu eu ô, aquela desgraçada do D. Bernabéio tá me fazendo de inveja do, eu fui lavar o leite dele, e ele me mandô ir lá pra cidade depois até eu chegar pra ele; é eu não trouxe roupa lá, e ele todinho pra quebrar, toda por cima, mas então eu tô com cavalo novo, mandô eu - pagô aquela água vôle trotar... Tião D. Iracema,...Tião P'larão!

L. - Tião D. Miro, vai com Deus nome.

L. - Com Deus fica até amanha!!! (ela correndo)

FOGO I

(Bernabéio e Isidoro)

I. - Mandô me chamar D. Bernabéio?

I. - Mandei com D. Isidoro, eu não tô gostando nada do senhor tá chegando altas horas da madrugada aqui na fazenda, ainda por cima bêbado.

I. - Ôia aqui D. Bernabéio, o senhor sabe muito bem que eu não tenho hora pra trabalhar aqui na fazenda que eu soua sempre com tem hora pra ir trabalhar.

I. - Eu fiquei sabendo que o Sr. andava perdendo altas quantias no jogo



la na cidade, e o que o senhor ganha com a pra isso não.

I - Tenho os meus bens.

II - Bom o senhor já tá avisado. Agora paga a comissão e vai levá o pessoal pra cidade pra fazê compra.

II - Bom vai dá não S. Bernardino. Agora tenho que levá o gado pra outro posto.

II - Isso você faz depois. Agora vai fazê o que eu mandei. (vai)

I - (Olha em sua direção com ódio, diz em voz baixa) Desgraçado!

SEGUNDA

(Todos os personagens reunidos)

FRANCISCO - Oh S. João! Cuidado com as crianças aí strada.

JOÃO - Deixe alguns bens. (

(Mira roça desvairadamente)

M. LOURENÇO - Dona Iracema, a ora. já reparô mais, o S. Mira é o mais li-
gero. Oh S. Mira, reparas mais home...

LUZIA - S. Francisco, o que o senhor vai pra lá aqui nesse pedago?

FRANCISCO - Tô pensando em pra lá um bocado de arvore.

IRACEMA - Ai, S. Luzia, eu tenho um meio desse negócio de roça, mais,
porcos das coze.

LUZIA - Tu não não mais, este mesmo eu matei uma baía de uma Urva,
la perto de casa.

BERNARDO - Oh S. Genésio, tem certa casa arvore aí não, que tem um gi-
mo de curruila.

GENÉSIO - Até que seja gente, lá tem Dona Carmelita com a merenda!

(Todos parou para merendar)

FRANCISCO - Óia gente, quero agradecer a ajuda de você. Depois que seja
porcentagem eu tô dá uma graja pra você.

JOÃO - que é isso S. Francisco, caros não, aqui é assim, eu ajudo o ou-
tro e ninguém cobra nada.

LUZIA - Aqui, uma mão lava a outra e as duas lava a cara, mas é gente!

TERCEIRO I

(Francisco e Carmelita)

(Francisco está no terreiro, olhando à distância, contemplando, curruila)

lu não, de casa, jogu água de uma baía, e porcos Francisco)

C - Quase que te dá um bicho, home, tá, aqui você tá olhando?



F - Oê já viu como isso aqui todo é bonito?

C - Éu...

F - Éia aquela mata lá no fundo, éia lá...aquilo que você tá vendo, mais perto é aquelas b. parobona que fica no meio da floja.

C - Nossa quanto verde! Lá no fundo tem vista mais verde verde.

F - Mais já teve só Carmelita...logo atrás da mata é o rio...

C - Dona Iracema falou que a água do rio é tranqüila?

F - Éu, e tem até uma ilha.

C - Mais quanto terra, Francisco... isso tudo é de D. Velasquez?

F - Não lá nas cabeceira, onde se vista tem aranga mais.

C - É lá que se vai se dá mais um pedacinho de terra?

F - Éu... lá perto do rio.

C - O que você vai prestar lá?

F - Sei não, (pensa) Café, né. Café... (pensa) é muita coisa...masse vai ficar. (pensa) Só tem uma coisa que tá se intrigando: Seu João se dig. se que se contrate aqui né não se dá mais nada. Tudo legal é de cinco a- no, pra café.

C - E você já assinou esse contrato?

F - Não não. Tem tempo pra isso. Seu Bernádia disse que mas tem praga na não, eu posso é prestar assim mais. (Entrando na casa) Tá tá que pensá uma água nas pé.

C - Eu pago uma taxa provis. (Não pagar a taxa) Oê mais aquela paga linha que tem lá em cima perto da mata?

F - É a escolinha da fazenda.

C - Pôe é, Rita pagô sola lá hoje. Ela falou assim não e vai dá sola agora. Ela tá tão feliz na vô está agitando pra está.

F - Bom pra ela. Mas se quer que ela estude mais mais. Se se puderem, mandava ela pra uma escola, pra só uma professora daquelas formada.

C - Ela tá querendo é pra cidade, pra está e dá sola lá.

F - Ela tá certa, mas ela pode morá na cidade. Tá só não pra ela...

(pensa) Não se não mais aqui não. Fica aqui até o fim. O que não mais não na cidade, porque não tá, só vive fugando na terra. Eu gosto da terra. Quero morá por aqui não, se possível, se interessado por aqui não, mas terra não, se misturá com ela, e depois, quem sabe, mandava uma dessas parobona pra se cima da vista não.

C - Que isso não. Vive falando na morte, mas não ainda.



F - Esta mas é agora não. Coí sabe que a gente vai morri' como um dia.
 C - Ah, eu também quero morri' nessa terra. Esta mas quero só uma per-
 bone não. Quero só uma arrescinha qualquer.
 F - Coí com essa choradeira, vai acatá é virava um subaguetiro. (Piana)

TERCEIRO II (Prato Pimental)

(Tardesinha. S. Elre, vem correndo do rio, desesperado. Traz uma visião)

IRÓ - (Aparentado) O Prato Pimental! O Prato Pimental Vi, meu Deus, o
 Prato Pimental! (Todos os soldados aparecem, rapidamente, para ver
 o que acontecia)

LUZIA - Para S. Elre, o que aconteceu?

IRACEMA - Abaixa ela. Semivarão, vai buscá um copo de água com açúcar
 pra ela.

FRANCISCO - Sente aqui S. Elre, o que aconteceu?

IRÓ - Lá no rio, lá no rio... e gemido, e gemido do Prato Pimental!

LUZIA - (De benzendo) Viga Maria! O Prato Pimental? Que dia é hoje?

IRACEMA - Quinta-feira.

IRÓ - (Para S. Semitarão) E coí desgrapeia, porque aí deat' assimê lá
 no rio?

SEMINEO - Eu tinha que fazê a festa S. Elre.

IRÓ - E principiava no deat' lá? (Agressivo)

FRANCISCO - Caras S. Elre, sente aqui. Toma essa água e conta direito o
 essa história. (S. Elre toma a água. Aparece S. João com um
 visião na mão)

JOÃO - Que rebulido é esse aqui, gente?

IRACEMA - O S. Elre, João, viu o Prato Pimental lá no rio.

CARMELOITA - Tô carno agora S. Elre?

IRÓ - Tô sim S. Carmelita.... É sinhora mas tem um cafézinho aí não?

LUZIA - Agora conta homem, como é que ela é?

SEMINEO - Ela tava visitado, palado no mar?

IRACEMA - Ele falou alguma coisa pro sinhor?

IRÓ - Eu sei lá. Acha que eu ia sei? Quando leutou o gemido, sei que
 sei verdade.

FRANCISCO - Esta quem é esse tar do Prato Pimental?

IRÓ - O prato Pimental, foi um homem que tinha umas terras aqui, que o S.
 Telasque queria comprá, mas o prato não queria vendê de jeito



minha. Daí, a mãe e os filhos do homem, pegaram um machado, e quando o preto teve dormido, cortaram a cabeça dele fora. Daí a mãe e os filhos venderam as terras pro B. Veloso, e foi pra cidade.

IRACEMA - Já que essa história não é bem assim não. Quando o B. Veloso quis comprar a fazenda aqui já tinha um possessor que tinha dez roçados mas não e tanta terra assim assim. Daí o B. Bernadino veio pra comprar aquela terra, que vendida tudo bem, mais quem não vendeu, vendeu. Dis que foi o B. Bernadino que matou. Depois o B. Veloso pegava os papéis e passava tudo nos governos.

LUZIA - É verdade gente, tem gente que fala que o B. Bernadino já matou e foi muita gente. Dis que quando ele vai tomar água, ele tem que fechar e não tem apertado pra não vê as carinhas dos pobres que ele já matou tudo dentro da casa.

FRANCISCO - Pois é, esse B. Bernadino é mesmo gente preta, quando não chegamos aqui, não é que ele se escondeu pra lado de Rita... Ainda tem que Rita é moça direita, já pensou logo em fugir não?

IRACEMA - Viri Maria, e falou? (risos)

FRANCISCO - Não dona Iracema, isso é modo de dizer.

LUZIA - Oh, B. João, tá falando aí, não. Já tem gente que se viu pra alegrar a gente.

(Contam um pedaço de uma música conhecida "Chico Branco", então cantam desce cantando, quando B. Lucia entusiasma-se e começa a dançar, totalmente desafiada. Todos param e ficam olhando para B. Lucia, esta sem perceber nenhuma cantando, quando olha por si, fica envergonhada. Risos.)

FRANCISCO - Não sei de mais, gente, não já viu um pedaço de terra como tá muito. Pois se acertar em tá vindo pra cá.

Quando se falou dessa terra eu não acreditei, e pensar falava, falava e eu duvidava... Já me deu uma ideia e eu resolvi tá nessa terra de perto. Quando cheguei aqui que tá com a lavoura, mas pensei que era cortado pra Rita, conversei com Carmelita, ela concordou... Já me deu o coração quando conversei com seu Bernadino, e seu paião lá de cima, ela bem lá. Não me deu outra, hoje eu quero tudo como antes não e vim pra cá. O B. Bernadino foi lá muito bem comigo, quando eu cheguei



aqui, se deu toda a vida de café e arrastou uma casinha pra cá...

NINO - É, mas ela também foi muito boa quando foi prurada na via pra cá... disse que ia me dar uma terrinha e uma casa...

LUZIA - A casinha dela é a paisão dela que ela tá morando até hoje.

CEZARIO - Esta terra igual a casa aqui com um pé de café, tudo que prag tá cá!

FRANCISCO - (Enfático) A Carmelita chegou dia cá, que com ela veio a fazenda e a terrinha dela.

IRACEMA - Que logo D. Carmelita, aqui todo pronto assim.

CARMELITA - Pois é D. Iracema, depois que o Francisco fez a galinha e a horta lá que é uma beleza.

NINO - (Imaginando) Galinha! No Deus do café, eu tenho que passar as galinhas do D. Hermânio, ele vai me contar isso!

FRANCISCO - Mas é o Sr. prada, a gente ajuda.

LUZIA - Oh D. Nino, o senhor vai atrair as galinhas com uma doçura, vai que o senhor dá de sopa com a gente pimanta?

NINO - Com isso não D. Luzia, chega se arrastar e corra todos!

LUZIA - Esta casa história de Fátima Flamintha, com é nada não. Lá onde eu mora com meu pai, a gente com podia cá casinha de noite não era cá a gente vai de noite, prada levava atrair o barulho que não de um facão cortando! Era o bone com casaca, gente! Um dia eu vai de noite casinha prada acompanhando uma casinha com foi cá com três pessoas já casava o barulho de facão atrair passando, casava até o casinha com casinha...

FIM

(Carmelita e D. Luzia, morando café em um pé de café)

D - Como eu tive disso, D. Luzia, como café tá que é uma beleza, e a casa também. De vez em quando eu vou ajudar Francisco na roça. Fogo as crianças depois de mais e casava aproveito que com tenho muita coisa pra fazer e vou ajudar Francisco. (pausa) Esta eu tá com meu D. Luzia Francisco, fica com essa história de com quer casar em contrato. A casinha não que tem piriga?

L - Claro que tem piria D. Carmelita, claro. A casinha com é nova aqui com não das coisas. Pois eu vou, cá uma casa casinha, pois a dog grada de Verde, que Deus a tem, se deu casinha de labuta, eu e meu fio, e casinha, casinha, que com tem corpo de cá casa, mais é.



Barão, D. Caraculista, e que eu já estávamos ali, eu não desço com pro. O Barão, com pro D. Barafina eu desço. Eu tô sabendo de uma coisa, aí, uma coisa... tô contô pra simbara... e D. Barafina falou que vai descer aí que mais com coisa colada aí de um quarto molhado no contrato.

CARACULISTA - Mas quem é que já foi contô pra ele?

LUÍSA - Eu sei. Eu não sei de nada. Eu só tô falando q' porquê eu só sei-te com coisa.

A CONTINUAÇÃO

FRANCISCO - O Sr. João, com arreio já tá acabando, se não sei contô, mas com arreio vai sair lá.

JOÃO - Vai não home, logo chega.

MIRO - Tôo desce mais pra trás, lá aí com coisa.

JOÃO - Genivaldo, trabalha direito mesmo, é na sua rua.

MIRO - D. Francisco, tô precisando de um cabo de estrada.

FRANCISCO - D. Miro, lá na casa do rio tem uma tábua.

MIRO - Pois eu é que não tô lá mesmo, o Barão pode passar e tarde lá em casa pra não pagar nada?

FRANCISCO - Claro.

JOÃO - D. Francisco, depois que o senhor tirô o arreio, que o senhor vai pra lá aqui?

MIRO - Vou trabalhá gente, vou trabalhá, vou mais conversar que trabalha.

GENIVALDO - O senhor vai continuá aqui D. Francisco? O senhor disse que não ia assiná no contrato?

FRANCISCO - Eu disse que não tô assiná no contrato. Eu todo mundo não assiná, eu quero vê.

MIRO - Bando todo mundo sabendo...

FRANCISCO - Que mais que mais, ele precisa de gente aqui, e não com a tanto trabalhado de graça, não tanto pagando a porcentagem e a maior parte sempre vai pra eles, tudo pra eles. O negócio D. João, é a gente aqui...

GENIVALDO - Eu acho tem coisa ficou quieto que o D. Barafina tá vindo aí.

MIRO - Barão!!!

JOÃO - Barão!!!

MIRO - Tô vindo depois de fora lá da beira da estrada, vou tirar um pouco que tá aqui café?



FRANCISCO - É, aqui na região tem um café que tem pranta, eu tinha dito
 ao por aí, tá vendo uma beleza mesmo?

MIRÓ - He... mais dessa alegria não vai durar, no amanhãque Escalante
 Fontana, tá falando que esse não gira.

FRANCISCO - Não na hora S. Miró, mas fala uma desgraça dessa.

FRANCISCO - Que é isso S. Miró, a gente tem que confiar em Deus, ele sabe
 o que faz.

MIRÓ - Isso mesmo S. Francisco, (pensa) Mas pessoal, deixa eu seguir
 a meu-cadêla, agora aproveitando que tá todo mundo aqui reunido,
 vou lá tão estaca que oêdo de machê é pra todo mundo
 tá lá no meio da fazenda para assistirem aos novos contrastes.

TODOS - Ah

MIRÓ - Então tá bom, intê. (vai)

TODOS - Intê!

MIRÓ - (voltando) Todo mundo, aí S. Francisco. (vai)

JOÃO - Parece que o bone tem intê atividades e que a gente teve falant.

FRANCISCO - Não é aquilo que eu disse. Deu aquilo. (pensa) S. Miró já
 cansô?

MIRÓ - Tô pensando aqui bone, que se gira, não tá todo perdido.

FRANCISCO - Isso disse bone, já a malé vai tirar a merenda, daí de casa
 ela tem preparado um cois-cóia.

MIRÓ - Parece comi isso não bone, parece bone de coisinha feia.

FRANCISCO - O almor vai gostar.

OSIRIVANDO - Oh S. Francisco, que mancha é aquelas que tá indo lá no co-
 fessor?

FRANCISCO - É a tal da ferruga, Galvardo. Tem que passar um veneno, não
 conta um almorão... (vão embora)

CÂMPUS 1

(Velasquez e Barbalho falando pelo rádio dentro)

V - Como é que estão as coisas aí na fazenda Barbalho? Tem chovido muito
 né? CÂMPUS

B - Tá que é uma maravilha! Patrão, ainda estou, deu uma boa chuva, e
 café então tá que é para fier. CÂMPUS

V - Quanto que você acha que vai ser a produção do café aí na região,
 Barbalho? CÂMPUS

B - Olha doutor, deve dar mais de 400 sacos por mil pé. Tem outro produtor



Fausto, acho que dessa vez a gente compra o alfinete grande com a facenda, do Sr. Manoel Manoel, mas tem mais por onde ele escapou. CLELIO

V - Isso mesmo Bernadino. Vai dando uma bisbilhotada aí, vai apertando as coisas, que depois que terminar a colheita, eu vou dar uma passada aí na fazenda pra gente acertar as negociações. CLELIO

B - Fausto, escuta... eu tô com probleminhas aqui na fazenda... é que tem uma porcenteira aqui que não tá querendo assinar os contratos novos. Tem um tal... (corta um do Fausto - entra com o assinatorem dos contratos)

ASSINATURA DOS CONTRATOS

LEILA - Pôra aí, pôra aí, por favor Sr. Bernadino, eu respeito muito o senhor e não gosto de ficar comentando as coisas pelas costas. O seu Francisco aqui, parece que tem umas coisinhas pra falar.

BERNADINO - Pode falar, Sr. Francisco. Pode falar.

FRANCISCO - A gente queria, se fosse possível, Sr. Bernadino. Que o Sr. levasse o prestatamento do contrato, pra gente saber quanto vai ganhar... a porcentagem...

BERNADINO - Mas o que é isso???

LEILA - Ninguém tá desconfiando não, não é isso... não tem coisa nenhuma.

BERNADINO - Eu sei Sr. Leila. É que a gente teve muito interesse e não deu tempo de prestatar os contratos, por isso é que a gente tá pedindo pra você assinar os bônus. Esta senhora mesmo vai aí todo batido à máquina, não vai ter problema... É eu que eu que você me diga: alguma vez a gente deixou de cumprir os contratos?

JOÃO - Não é isso Sr. Bernadino. É que a gente assina esses contratos e sabe os seus quanto vai ganhar, quanto vai gastar. Vai pra mão de deus mas que tá aqui e as coisas tá saindo pra' cima.

LEILA - Lá também Sr. Bernadino. O Sr. Francisco tá falando por mim, porque que ele é o único que sabe lá, a gente é todo analfabeto e não tá sabendo muita coisa lá mesmo, não?

FRANCISCO - Não é que a gente seja desconfiado, mas é mais disso, é que nas outras fazendas que eu trabalhei, em São Paulo, Minas, era diferente. Era todo no papel, escrituras... Já que você tá com tempo, você prestatar e a gente assina despois.



HERNÂNDO - Essas contratas tem que ser assinadas hoje sem falta, e gente sem tem tempo a perder. E fique o senhor sabendo, que as portais pra fora existem muitas famílias querendo entrar, as vezes sem tão contentes com as normas da fazenda, paciência, e B. Velasquez está sendo bom demais com vocês!

LOUISA - Mas o homem é um sujeito!

IRACEMA - Anjo, a gente nunca vem vim a casa do homem.

HERNÂNDO - O B. Velasquez tem mais de dez favores e em cada uma delas trabalha mais de vinte famílias, sabe o que isso significa, emprego, comida, casa pra morar, e que vocês não esquecerem!

LOUISA - Ele não gosta nada.

FRANCISCO - Eu não quero fazer as ideias de ninguém, só que eu vou fazer a coisa como eu sempre fiz. Eu não faço questão, continuez aqui, inclusive, depois que tiver pronto vamos aqui e assisto.

JOÃO - Eu digo o mesmo, B. Francisco.

LOUISA - Eu também não assisto!

HERNÂNDO - Eu sinto muito. Mas já que vocês querem assim, não só vamos esperar vocês o contrato anterior e depois vocês terão que deixar a fazenda. Isto é, aquilo que não assinou o contrato.

MIMO - Eu não faço pressão. Eu vou assistir logo isso, que eu não tenho mais nada aqui...

FRANCISCO - Para aí, ninguém vai sair daqui assim não, a gente vai procurar o sindicato!

HERNÂNDO - B. Francisco! Eu já falei sabendo que o senhor estava fazendo reuniões com o pessoal pra que eles não assinassem os contratos, e B. já chegou aqui querendo batermar. Mas gente, eu acho melhor vocês pensar direito, imagine a família do Sr. J. João, da Sra. B. Louisa, imagine aquela criança toda pensando nisso...

FRANCISCO - Filho meu nunca passou fome não ninguém!

HERNÂNDO - Uma pessoa que não passa fome vai passar!

FRANCISCO - Eu não tiver lugar aqui, eu arrumo outro lugar por aí. Só isso que eu não tenho medo de trabalhar.

HERNÂNDO - Então o senhor sai por aí, sai, vai procurar pra vê se é possível.

FRANCISCO - Mas antes eu vou tirar tudo que é meu daqui. Só isso depois que colhi o café.



BERNARDO - Você vê se o senhor consegue tirar alguma coisa daqui. Vai lá procurar o tal do sindicato.

FRANCISCO - Pois vê sim, e que coisa que pode vir coisa.

BERNARDO - O resto aí que quiser seguir o S. Francisco, pode seguir, mas depois não diga que não foi avisado. (S. Francisco vai saindo
S. João e os outros o seguem)

BERNARDO - Dona Lucia!

LUCIA - (Indolente, não sabe que rose tomar)

BERNARDO - Como é que tá o negócio?

LUCIA - (Pudida) É negócio....? Tudo é que eu não o sei.

INTERLUDIO

(Dois focos. Entra S. Francisco e S. Bernardo, param no foco de luz e se dirigem à uma pessoa imaginária, que seria o presidente do Sindicato. A cena é simultânea, porém, em dias diferentes)

F - Bom dia!

B - Boa tarde!

F - Pareço que vai chovê....

B - Calorão, hein.

F - Francisco do Oliveira, eu só percenteiro lá da Fed. Servir.

B - Eu sou o administrador da Fed. Servir.

F/B - Isso mesmo.

B - Eu apareço lá na fazenda com carta e eu gostaria de saber de que se trata.

F - É que eu só tenho um problema lá na fazenda, com concentração, não? É a primeira vez que eu vou assinar os contratos de percentagem, e eu não sei direito eles querê que eu assinasse os contratos em branco, e eu recusei a assiná.

B - Não!!!

F - Não!!!

B - Não é com essa S. Doutor.

F - É isso mesmo S. Doutor, desde muito tempo, vai pra mais de dois anos que os contratos vem sendo assinados assim.

B - Até hoje nenhum deles foi assinado.

F - Até hoje eu sofrendo só fiscais por isso. (puxa) Eles falam que tem tempo.



- H - Falta de tempo. O administrador da fazenda já sempre tem muito trabalho, então a gente faz o seguinte: as colunas assinam, depois é preenchido e levado para cada coluna conferir o seu contrato.
- F - Toda vez é a mesma coisa, ao final da colheita, o pessoal deve mais do que tem pra receber.
- H - E tem mais Doutor, até hoje nemtem colunas reunidas.
- F - Eu tinha conversado com o possessor lá da fazenda, eu falei: "Gente com tá direito assiná esses contratos em branco", eles concordaram, táva tudo certo, mas chegou na hora...
- H - Mas foi preciso diá o "x"...
- F - O nome prometido, disse que mandava embora quem não assinava... Eles ficaram com medo e foram assinando... assinando...
- H - O pessoal todo já assinou, só restou um bastanta lá que tá querendo criar problema.
- F - Só restou eu. Por isso que vim aqui ao Sindicato.
- H - E se ele resolveu procurar o sindicato, não vamos ver qual é o laço dele lá.
- F - O Senhor pode ir lá na fazenda falar com os colono...
- H - O Senhor pode apoiar, claro. Na fazenda não tem a conta própria justiça, que por acaso eu carregue comigo. Pois muito bem, doutor-sinho, não sou eu que tenho filho pra tratar, é sr. faga o que achar melhor.
- F - O que o Senhor poder fazer por mim, eu vou ficar muito agradecido, e eu sei que o senhor é um bom viz, se a gente não podê contá com o sindicato, não, com quem a gente vai podê contá. O Sr. vê o que o Sr. pode fazer, e eu fico aguardando, qualquer coisa, o senhor manda me chamá,brigado mesmo deus,brigado mesmo.
- H - (só) Não, Senhor não precisa entrar em contato com o B. Veloso, pode esperar, que ELE vai lhe procurar.

O Jogo

(Luz em três faces: Kátia, a dona do bar; jogador de sinuca e Balaúda, a filha)

BALAÚDA - Tá uma piaga não

KÁTIA - Tá não, só já tá táta posta.

BALAÚDA - Tá táta não. Tá uma piaga, então eu conto pra todo mundo.

história de Coradão.



DEIZA - (Entrando festivamente) Lá pessoal! Chegou a gostosa do pedágio!
Oí Kátia.

KÁTIA - Oi Deiza que eu chetei! Chegou cedo hoje heim. Não quero mais de
nenhã jogando no meu bar que o Juizinho tá pagando no meu pé.

DEIZA - (Vendo Raimundinho vai até ela e o abraça) Ô Raimundinho, vai
dançar um pouco.

RAIMUNDO - (Apertando) Láí por lá moleque. Essa droga com piá machuca
o joelho.

DEIZA - (Lá...) Essa de regulá essa machuca aí Raimunda, você sabe ?
que finge de toco com teu dóce.

RAIMUNDO - Tá bota mão! Cê me respeita! Tô iluminado! Furei de bato...

(Jogador, chama Deiza que eu cheito para jogar)

ALCÍO - Ô, Deiza, que porá tá partida aqui?

(Deiza, vai pro jogo)

RAIMUNDO - Ô Deiza, paga uma pinga pra Raimundinho, fia.

DEIZA - Ô Kátia, dá uma pinga pra Raimunda.

KÁTIA - Lá não. Tô com dinheiro aqui no barão.

DEIZA - Tá legal. O Alcíão, quem porá tá partida paga a pinga pra Rai-
mundo.

ALCÍO - Por mim tudo bem, é você que vai pagá mesmo.

DEIZA - Ô Raimundo, vai bebendo aí que eu já achei um trouxa pro pagar.

(Vai pro jogo) (Entra Sr. Francisco)

FRANCISCO - (Cobertando) Uma pinga.

DEIZA - (Castelando serve a pinga)

(Grande tumulto no bar, acaba de chegar Dr. Rubens, novo candi-
dato a prefeito da cidade)

DR. RUBENS - Kátia, tá precisando de um favor seu. Você lembra da Dolange?

KÁTIA - Dolange? Aquela leirona? Aquela Capivara.

DR. RUBENS - Isso mesmo, uma que trabalhou por você.

KÁTIA - Ô, mas ela trabalhô pouco tempo pra mim.

DR. RUBENS - Eu tô atrás dela, conta é que ela tá.

KÁTIA - Ô Dr.^{to}, atrás dela. Botô, aquela desbotada. Uma mulher dela aqui.

DR. RUBENS - Não é isso. É que eu preciso que ela seja testemunha no J.P.



nessa de um cliente novo.

LÉLIA -Sim, da ultima vez que eu soube dela, ela tava em casa.

FRANCISCO -Quanto é a pinga dessa?

DR. MURKIN -Deixa que essa eu pago.

FRANCISCO -Não caraca não. Pode deixar que eu pago.

LÉLIA -Pode deixar agora, que o Dr. Roberto paga, e senão nem sabe, ele agora é candidato a prefeito.

FRANCISCO -É. Eu já ouvi falar muito do Dr.

DR. MURKIN -Obr. por isso não é o Chico Perceira?

FRANCISCO -Sim eu, sim senhor.

DR. MURKIN -Pois é, eu já ouvi falar muito do Dr., e Dr. é parente na Rua. Servia.

FRANCISCO -Ah... Mas agora eu vou lá que deixei a facenda. Tive um problema. É que eu me recusei a aceitar uma contratação em troca de aí o Dr. não sei?

DR. MURKIN - Oh...

FRANCISCO -Ela me enganou. Querem que eu saia de lá de qualquer jeito. Já me cortaram o Armado... Agora tá chegando a colheita de café... e eu não vou entregar tudo de mão beijada pra eles... depois de tá passando e me salando de café... Eu fui ao Sindicato, da primeira vez e eles dizem que ia me ajudar, que ia vir com o seu Hermínio, o administrador, e resolver esse problema.. Hoje eu tive lá, e eles veio com as súbrias farda pra me lidar, eu vi que não ia adiantar nada eu ficar esperando alguma coisa dos meus sindicatos.

DR. MURKIN - Pois esse E. Francisco, eu vou falar com esse agora de candidato, e se ele não dar um jeito no seu problema, pode deixar comigo que eu vou dar, mas que seja na Justiça, E. Francisco, na Justiça!

FRANCISCO - De e desde já já isso eu sou muito agradecido.

DR. MURKIN - Boa noite amigo E. Francisco.

[Raimunda está triste com tudo, E. Francisco sai de casa, grande movimento no bar]

DR. MURKIN - Oh Lélia, o que aconteceu com a Raimunda?



LÍDIA - Deve de cá por causa daquele desgraçado.

RAIMUNDA - Meu fio não é desgraçado não!

LÍDIA - Tu cala a boca que eu vê contá aqui pro dotô, e que aquele "peixinho" aprendê: Dê teu tresco aoê e peixe, e neguinho que' ela teve e' um cão federante que andava aí na rua. Pagô buche e coitadas mecum e toco...

DR. RUIZ - Oh Lítia, não fala assim de menino...

LÍDIA - Isso é do dotô, eu mandei ele fivê aqui no barto, enquanto eu lá no farmácia...

RAIMUNDA - É criança dotô Rube, quem pôdê foi aquele todo de macho "olei".

LÍDIA - Mas foi não! Tu cala a boca comê eu te conto uma bancorada no colégio. Quando eu vortei, dotô, e meu macho tava vendo que o neguinho tinha rotado.

DR. RUIZ - E o que você fê com o menino?

LÍDIA - Foi na polícia.

DR. RUIZ - Oh Lítia, isso não é coisa de polícia não.

LÍDIA - Foi na polícia e mandei o tal pro puta que parou!

RAIMUNDA - Ele mandô prendê o meu fio Dotô Rube, vai lá cortá ele, vai.

DR. RUIZ - E o menino lá onde Raimunda?

RAIMUNDA - Tô no juizado, que esse biscoitinho veio mandô!

LÍDIA - Tu cala essa boca que é tu que vai agora!

DR. RUIZ - Vou cá Raimunda, vem. (abraça-a) Pode deixar que eu vou lá e mandô soltar ele. Agora deixa esse tristonho de lado que tu não quere ver o menino todo eleitoral desse jeito. Como é que tu vai ganhar as eleições sem você? Olha aqui Raimunda, se eu ganhar as eleições você vai ser a delegada de desse cidade!

RAIMUNDA - Ah, eu vê mandô prendê todo os barto (risos)

DR. RUIZ - Isso mesmo, Raimunda. Agora, pro trabalho!

(Dr. Rubens volta a conversar com a Lítia e convida o pessoal do jogo pro uma refeição de cachapa. Tardinha de voo, a voz de Raimunda e as rias entreortadas)

RAIMUNDA - Vou até ao Dotô Rube! Dotô Rube pro Prefeito é o Rube
Rube minha gente pro prefeito e eu pro delegada!



INTRODUÇÃO

(O Francisco está sentado em um banco tocando violão. A Candelita costura uma roupa usada e bagunçada, como, costura no chão).

CANDELITA - Tu já acabô de costê, Bagunçado?

FRANCISCO - (Balance a cabeça, negativamente)

CANDELITA - Ôia, coê nem sequer depois que acabô de costê é fazi as lição, que Rita nem gosta que tu dás as tarefas pra fazê na sala. (Pausa - violão) Francisco, coê foi consertô a cerca já cabalino, porque o perquinha malado do Bagunçado tá passando e las fugô na roça do seu João.

FRANCISCO - E aquela arreoi alguns coisa? Tô se trocô toda a cerca, aquele portista com pira lá dentro, nem amarrado. Eu já tô até com vergonha do seu João, ele já vai se queixá "mas tô lá com você. Eu acho que tô até aquela leitão.

FRANCISCO - Ah, até o seu porco!

CANDELITA - Não Francisco, o porco tá muito magro.

FRANCISCO - Mas tem importância, tá pra costê a cerca já basta. (toca)

CANDELITA - Terminô, Bagunçado? Então vai prá dentro fazê as lição.

(O menino sai) Tu já paraben com nome roça tá linda!

FRANCISCO - É, e nem é só a nome não. O cafual tá tudo que é uma e telam só. E o seu irmão fica lá no Elano, perdendo tempo. Eu já falei vim pra cá, não não.

CANDELITA - Coê sabe que meu adianta, Francisco. Ele tem larga aquela lugar seco mesmo.

FRANCISCO - Se só o que não tem esperano, vai só uma saia e tanto. (pausa)

CANDELITA - E os contrato, Francisco?

FRANCISCO - Ah, o Luís Roberto disse que nem é pra as preocupá, ele tá cuidando de tudo.

CANDELITA - Coê sabe Francisco, que tá chegando o fim do ano, oit não precisamos comprá mais colinho pra casa; no entanto tá vy do meu roça, precisamos comprá mais roça do casa. E coê se be que nossa Rita tá ficando uma moça, não precisamos comprá mais colinho pra inchôê dela.

FRANCISCO - É, não com o dinheiro do café nem vai tá não. Estava pra



está na vontade na peça da feijão, aí, a gente comprava as coisas pro fazer de ano, pela a feijão deu pro gente e pro vendê um pouco.

CARMELITA - Tá é muito bom, Francisco. Aqui não é igual lá em Minas, que a gente praticava e a casa malava.

FRANCISCO - O Café... eu dá mesmo e que a gente tá esperando, dá pro pa dá a porcentagem do patrão e com a outra comprá um pedaço de terra. Isso aqui era tudo bem mesmo. Praticava um arvore de café, o resto fazia um pastinho, comprava uma vacuinha, aí, ia dá leite procoi fazê os seus queijo, teve lá não mesmo, mas praticava muita coisa...(toma o violão).

CARMELITA - Poisé... eu tá podê gravá minhas fil, fazê a minha carta, tá e minha casinha toda arrumadinha... como a gente costum, desde o tempo de Minas, lembra, quando a gente casô? (paga eu) lá, Francisco, você vai vê, Deus ainda é de ajudá agora e nós não conseguí tá e agora praticando de coisas (paga, mira o horizonte, esboçaturas).

CÂMPUS II

E - Patrão, aqui é o Bernadino? Tem deu pró ligá ontem, porque teve checando muito. Patrão, eu tá ligando pro café se a gente vai fazer a festa no fim de ano pro pessoal aqui da fazenda? CÂMPUS

BERNARDINO - Claro que sim, Bernadino. Todo ano não é feito? Isso não, mas vai tá diferente. Esta aí uma data boa e deixa o povo festejar. CÂMPUS

E - Foi patrão, agora tem mais um probleminha... Tem acontecido umas coisas estranhas aqui na fazenda... eu não... não... é que... é que tá mudando café da talha? CÂMPUS

E - Mas que história é essa, Bernadino? Como é que pode estar mudando café da talha? Explique isso direito! CÂMPUS

E - Eu tô pensando que o café da talha tem diminuído nos preços, mas o patrão não precisa se preocupar, que eu já tô tomando umas providência isso. Olha mesmo, eu fui falar com o coronelista na cidade, pro café se alguma coisa entregando café. O patrão pode ficar tranquilo, que eu já tô na pista do ladrão, e pelo jeito é gente aqui da fazenda mesmo. CÂMPUS



T - Quanto você acha que esse desgrape já se leveu. Barbalho? Não
 não

E o Sr. Dr., não dá pra saber direito ainda, mas eu calculo que mais
 ou menos essas duascentas sacas. CÍCERO

T - Duascentas sacas de café Barbalho!!! Você tá ficando louco? Como é
 que você se deixa uma desgrape dessas acontecer? Dequi uma dia e
 talvez vai estar vazio e você ainda não se fez nada? CÍCERO

E - Fiquem calado, Patrão! Como eu disse pra senhor, eu já fui na vida
 de falar com uns cerealeiros, assim que eu tiver alguns cartões,
 eu lhe comento. CÍCERO

T - Sua hora chegou, e café já sabe de estar no Paraguai...Bem, Sr.
 amigo, eu sei que você se resolve isso logo, que eu não vou apor-
 tar nada, de ter que sair aqui de São Paulo, pra resolver esse
 problema aí na fazenda! ... (Acorda um terceiro fono - é a narra-
 tória do Dr. Rubens - continuam ouvindo os fones de Barbalho e do
 patrão, ambos permanecendo ocupados)

INTERIÓRE

(Dr. Rubens e Francisco)

F - Bom dia doutô!

D.R. - Ô Sr. Francisco, tudo bom? Como é que andam as coisas por lá?

F - Bom tá mais ou não doutô. Por isso que vim cá, eu e o irmão tem go-
 vidade.

D.R. - Ô Sr. Francisco, a coisa tá se animando, mas isso é bom pra
 tem que se esperar...

F - Mais é que é duro ficar lá esperando, enquanto eles quê estão vindo.

D.R. - O que foi que apresentaram dessa vez, Sr. Francisco?

F - Cartão e armadilha, e como eu não bastasse, fero lá na casa com tra-
 tar dentro e dovarar o meu terreno, tentaram derrubar a minha casa,
 ainda bem que quando derrubaram a galinhara, os colunas virou e to-
 caram eles de lá. Então, não sei o que ia acontecer...

D.R. - O senhor fique calado, Sr. Francisco, porque o que eles apresen-
 taram de errado aí vai favorecer a gente no processo mais tarde,
 pois o Sr. Barbalho não está no direito de fazer o que ele está
 fazendo.

FRANCISCO - Não, não, mais tá fazendo. E agora, ele está pedindo os



leão de se dá serviço, e não sei como vai aí, quando chegou a tarde e que está lá na casa... e vinham sabe, então, um bom fim depois quando vê os seus filhos já foram.

D.R. - Ah, e o homem já fez esse e outro, falou com todos os fazendeiros aqui da região a respeito do senhor.

F - É por isso que eu não posso ficar aqui esperando assim, tenho que ir aí alguma coisa, eu tô é pensando em fazer um caso aqui.

D.R. - Não vai adiantar, S. Francisco, ele vai mandar o senhor procurar o seu advogado. O homem tá cheio de serviço, o Fêre, está abarrotado de processos. Esta cidade tá crescendo de dia pra noite é gente chegando de todo lado, isso estranha muito serviço por lá, não contar que esse vai ser um ano de eleições e a Assembleia Eleitoral vai tomar mais tempo dele, eu já pedi uma justificção de posse, pro senhor voltar provisoriamente pro serviço... eu tempo de fazer a colheita...

F - Fico ó muito bem...

D.R. - ...Mas o homem me mostrou a agenda, tá toda cheia de visitas.

F - Esta eu não tô entregando meu café de não beijado pra eles não, eu tô colando esse café, não que eu tenho que fazer uma besteira. O arreio já tá aí todo pra colheita, eu sei que alguma vez eu ajudo esse, mais não tem importância, eu colho sozinho.

D.R. - A gente vai dando um jeito nas coisas, S. Francisco - É aí agora eu me algar, porque se eu ganhar essas eleições, S. Francis eu as coisas vão mudar, por isso que eu conto com o senhor! (F - volta conversar com patrão e Bernabé)

CAPÍTULO III

(Bernabé e Veloso)

B - Olha, Patrão. O tal Chico Perceira, não tá querendo dá conserto. Ele apertou um advogado, o tal de Sr. Roberto, aquele candidato a prefeito metido a comunista, e entrou com um processo contra a fazenda. CÊRICO

V - Mas esse supetimento tá se atendo a besteira. Ele não se conta eu, Bernabé, eu quero esse homem fora da fazenda, e logo! CÊRICO

B - Mas patrão, pela lei o homem tem direito de colhar e que ele plantou sua parte do café que ele colheu, e o arreio dele tá quase cheio. CÊRICO



V - Das minhas terras não apita lei nenhuma, Bernardino. Já ouvi eu...
E eu quero esse homem FORA DAS MINHAS TERRAS!! (Apaga-se e for-
ta-se do paião, entra as colunas colando arcos)

A JUNTÃO

FRANCISCO - (Chegado) Bom dia! Vê... eu não sabia que você vinha de
após hoje.

BERNARDO - (Sem graça) Não tá calendo...

FRANCISCO - Não esse erro não tá tão, precisa mais um dia de
sol (pensa) (Toma as coisas, sem saber o que fazer) Tá
certinho hoje ainda...

LOUIE - Foi o B. Bernardino que mandou não calar?

BERNARDO - Ele falou que era pra não calar. O B. Bernardino não ficou com raiva de
nada não, a gente não queria... (Todos tentam se desvencilhar)

FRANCISCO - (Explodindo) Você tá tão de briga com o mundo?

JOÃO - Que isso B. Francisco, a gente é um amigo.

FRANCISCO - Amigo de B. João, eu tá vendo...

LOUIE - E não o seu Bernardino chegou aí, dia...

BERNARDO - algum problema B. Francisco?

FRANCISCO - Eu quero saber quem...

BERNARDO - Eu mandei eles colher esse arroz, e eles vão colher esse ar-
roz! Tá satisfeito?

FRANCISCO - Não esse arroz é meu, foi eu que plantei...

BERNARDO - Esse arroz é da fazenda, e o senhor não trabalha mais pra
fazenda.

FRANCISCO - Isso aqui é meu, foi eu que plantei, ninguém tem o direito
de colher.

BERNARDO - Pois então, tire eles daqui.

FRANCISCO - (Revoltado) Fora! Fora daqui todo mundo! (Levanta contra
as colunas) Fora! Você não tem o direito, ninguém de stu-
par! (Tenta acalmá-lo) Isso é ruim, não expulsa! (Para
B. Bernardino)

BERNARDO - Isso é o meu não, seu filho da puta!

FRANCISCO - (Pega no fecho do colete e parte para cima do B. Ber-
nardo. Grande confusão, as colunas seguras se abrem)



E - Lave esse bone daqui!

F - Tá tirando da boca dos meus filhos!

E - Bone com ele daqui!

F - Eu minha mãe esse desgraçado, eu matar! (S. Francisco é levado
então) (Assina-se a agitação)

E - Vamo trabalhá, vamo trabalhá, que tem que trabalhar isso hoje!
(LUI)

REENTRADA DE FRANCISCO

(Repara-se o FRANCISCO, com excepção da entrada do promotor. Agora, são
audíveis os diálogos e a música cantada pela bone)

FRANCISCO - (Tira do bolso de casa, para circular aliado de vara de pay
car)

AFRACHADO - (Entra correndo, desesperado, com uma arma no mão, chama-
se com o velho pescador) Você não viu nada! Você não viu
nada! Se você vir a bone eu te mato! (Entra correndo mes-
surado)

FRANCISCO - (Entra apressado, sem entender o que aconteceu)

(Entra em casa, S. Francisco, sendo levado preso por um policial)

FRANCISCO - De não matar ninguém, não! De jurar! De não levantar! De não
levantar, pelo amor de Deus, acredite em mim!

CARMELITA - (Entra desesperada) Francisco!!! O que foi que você fez?!
O que vai vir de não agora? (Chora. Volta para casa. Fogo
almo é levado)

FRISCO

(Francisco e Carmelita)

F - (De cômodas, riem e chãos)

C - Francisco!

F - (Levantando-se) Carmelita! ...o que você veio fazer aqui?

C - De via vê você. Aproveitei a minha fôrça, levei lá os seus materiais,
encontrei você lá aqui preso. Eu sei que você gosta muito...
muito-muito. (Coloca-lhe o avental)

F - Como é que você tá?

C - De tá bem, Francisco.

F - E as crianças?



F - Eles também vão bem, Francisco. Tão muito bem... A Rita tá trabalhando na casa nova, o Reginaldo tá engrasando sapato, tá tudo muito bem lá em casa. Não tem mais nenhuma necessidade nenhuma não, não se preocupe com nada não...

F - Reginaldo tá estudando?

C - Ôia Francisco, ainda não deu pra botar o Reginaldo na escola, mais se prometeu pra ele, que logo eu boto ele na escola. Ôia Francisco, o Dô tá bem, aquele que tá ajudando você lá com o dinheiro, pois é, "" ele tem ajudado muito a gente, mais, depois que nós fomos pra cidade, Coê não precisa ficar preocupado.

F - Rita não tá dando mais aula, Carmelita?

C - Não Francisco, não tá, mais ela tá ganhando bem mais lá na loja. A gente tá bem. Ôia Francisco, eu tápois tá trabalhando, tá lavando roupa num hospital.

F - Coê tá trabalhando de sapateiro, Carmelita?

C - Coê não que queria, honesto! A gente tem que fazer alguma coisa. (pensa) Ôia, o Dô tá bem no garantido que tira você daqui, ele diz que ele vai nos tirar mais e ele tira você daqui. Coê não precisa se preocupar. Quando você sair daqui, a gente pode arrumar um lugar pra ficar... A gente pode até voltar pra roça...

F - (Exclamando) Ôia... voltar pra roça! Calhã uma grande colheita de grão lá, comprar um pedacinho de terra, você vai poder plantar sua hortinha ali lá de sua filha... Coê não vê Carmelita, que eu nunca mais vou sair daqui!!!

C - Que é isso home. Tanto é o Deus, você sempre disse isso, tu vai sair daqui Francisco, vai não...(pensa)

F - O delegado disse que eu vou poder passar o Natal em casa...

C - Vai lá muito bem Francisco, tá você em casa mesmo, as crianças vão gostar muito. Reginaldo disse que quer vir lá com você.

F - Bom deixa não, Carmelita. Aqui não é lugar pra criança.

C - Tá tá. Você se você consegue dar lá. Tá o'uma cara muito cansada, Coê não dorme?

F - Não foi nada, uma gripezinha lá-tão, já passou.

C - Eles não deixam você sair daqui daí na população?

F - A gente vai ficar ali uma vez por semana, no pólar, então, fica parecendo uma rata branca.



C - (Dirige-se ao carcere) Você não vai comê o camarão?

F - Pois é, tinha até me esquecido. Ôia, tô com vontade deia na sua cozinha.

C - De quê? Eu posso trazer todo dia aqui provei...

F - Sua caraca não, a cozinha daqui também não é tão ruim. Ainda tem deu pra matê ninguém. Tão de deia que se falar em tipo a barriga de alôria.

C - Tava lá você vai daqui antes, e daí não se garante que você vai daqui logo.

F - Se dependesse deia, só Carmelita. Ela já fez tudo que podia, mas adianta, Carmelita, eles dizem foi um serviço bem feito mesmo. Se eu soubesse que ia dá assim, eu tinha matado esse aquele desgraçado!

C - Você fala uma desgraça desse homem aí em a gente ia tá tudo perdido, aí você ia apressar mesmo logo federante.

F - Não aí eu ia tá preso com você.

C - Ôia Francisco, e daí não se temia mais coisa, aí que ele podia pra não contar pro lá antes de tá certeira, mais parece que ele estava já uma testemunha...

F - (Afrita) Mas que história é essa Carmelita? Que testemunha? Fala logo você, que testemunha é essa?

C - Ele disse que tá na Fazenda, tem um nome, o B. Sérgio, lembra, esse ia você que gostava de pescar? Então, ele sabe quem matô o B. Bernardino, pois ele viu o assassinato... (Corre, lembra um foto uma das autoridades do país. O velho pensador, está depende para um tempo vai imaginário)

TESTIMUNHA

(B. Sérgio)

B - Vê, vê sim. Se dia que o B. Bernardino morreu, era mais ou menos uma oito hora da noite, eu tava voltando de uma pescaria que custava a fazer quase todo dia, tava vindo pela margem do rio, pensando aí uma coisa, quando aí de repente eu vi um homem que tinha morrido feito deia e um arma na mão. Quando ele me viu, ficou tão nervoso, apontô a arma pra mim, e disse que se eu abrisse a boca ele me matava. Eu me botei, não entendi nada, mais quando cheguei lá falei que B.



quei sabem que o D. Bernádo tinha morrido é que eu fui intendê. De
uma foi na polícia, porcosas que eu fizeti com medo que ele fizesse
coisa e que fizes com os Bernádo...Passando um tempo, eu tava por-
tando pela casa da família, e vivendi e mesmo home existendo mais o
Bernádo, que depois da morte do D. Bernádo, passô e eu o novo adminis-
tração, e resolvi perguntá para vocês, quem era o ter nome, daí, fi-
zeti sabem que ele tava trabalhando mais o Bernádo, aí sim, que eu fui
intendê tudo... (Corta um da testemunha - faze as outras extremidades
do palco com as lavadeiras)

AS LAVADEIRAS

(D. Iracema, M. Lourdes, Z. Niro)

- E - (Chega esbafoetida) D. Iracema! D. Iracema, tô vindo da cidade, do
julgamento do D. Francisco!
- I - E daí Niro, e que tem lá, o D. Francisco?
- E - O D. Francisco foi morto D. Iracema. Mais isso não é nada mais...
- I - Anda logo Niro, fale!
- E - A senhora não imagina quem foi que matô até o D. Bernádo?
- I - Quem pode matar de Deus!
- E - O Bernádo, D. Iracema, e Bernádo a senhora lembra daquela história
do café da tarde que tava tomando, que tinha gente robusta, lá, não,
era tudo o Bernádo que tava por lá.
- I - Nisso mesmo Senhora do Bernádo, e D. Daria já sabe dessa história?
- E - Ainda não.
- I - Então eu tô correndo até lá pra ela. (Fica em cima, Niro e Maria de
Lourdes, olham-se convergentes. Morre um das lavadeiras, perman-
cando somente a um do lado central, com D. Francisco e D. Car-
rolita)

FRANCISCO NA CIDADE

(Francisco está saindo para o trabalho. Esta, trabalha como vigia no-
turna de um armazém)

- C - (Ajeitando a capa e o boné em Francisco) Tóu tava saindo com o
vento, tá fazendo muito frio. Fecha bem a capa. Procura não ficar no
suroeste, é porcosas dessa sua tosse.
- F - Tô não Carolita, vou voltar.



«Cai (Francisco sai) Vai com Deus, Francisco (Joa sai em resistência, corre-se um apito de guarda-costas)»

A FIM

(Esta cena, deverá se repetir por três vezes consecutivas. As duas primeiras com a presença de S. Francisco e a última, sem.)

Cena sexta. No centro da cena, existe um banquinho. S. Francisco chega ao seu serviço, coloca um radiotelefone sobre o banco, dá uma inspecção geral ao local - a noite está tranquila - por um lado, entra uma varredoura, que varre lentamente, esta atravessará a cena, durante a qual segue de todos os outros personagens. Do outro lado, entra uma mulher empurrando um carrinho de bebê, passa pela cena, indiferente a todos e a todas. Passa um cristo, com uma Bíblia debaixo do braço, acena para S. Francisco, entra no sagrasto e pergunta se está quer engratar, o mesmo, diz não, segue em frente, o sagrasto entra em deslize, logo atrás, entra um velho, com passos curtos, e este alguns metros ao chão, olha e guarda os seus olhos, repete várias vezes com movimento, o sagrasto vê o velho e pede para que este o abraçe, o velho põe a mão a mão sobre a cabeça do menino, balbucia algumas coisas inintelligíveis, faz o sinal da cruz, o sagrasto vai-se embora contente, e vê o velho segue seu caminho. Entra em cena, uma velha bruta, com um tempo na mão, recando para si mesma, do outro lado entra uma prostituta que passa pela velha e lhe dá uma batida de cigarro, a velha sai se bem satisfeita, a prostituta pára perto de S. Francisco, conversa alguns minutos com ele, existe alguma, acena pra pessoa, e sai correndo na sua direção, ainda, entra um homem totalmente enfiado, sujo, maltrapilho, atrevido e com um balcão, vai, S. Francisco, e ajuda a se levantar este segue seu caminho, em seguida entra um guarda-costas, de bicicleta, passa por S. Francisco, acena-lhe, e desaparece sem alar, vindo de novo, apenas, e sem apito lacrimoso. A varredoura, está terminando de atravessar a cena, põe, um gesto cansado, limpa o suor da testa, sai da cena. S. Francisco tem um acesso longo, de tédio, depois volta-se ao banco e toma um café. (Fim 1a).

(Na terceira e última vez da repetição, o foco não deve correr, e não deverá permanecer sobre o banco, em cima do qual, deverá estar um chapéu de palha. O foco deve permanecer por alguns segundos.

Cat).

FIM

